

O que fazer em caso de incêndio?



No início do ano escrevi um texto chamado “Por uma Educação da Filosofia”. Nele eu tentava refletir sobre o desinteresse escolar e apontar questionamentos acerca do ensino de filosofia; entretanto, naquele tempo eu não era professor, estava de alguma forma encantado pelos discursos pedagógicos, que em sua maioria: carecem de um senso crítico acerca da nossa formação social, ou se perdem na ingenuidade de encarar a educação como uma formação para a liberdade – não que isso seja impossível; mas creio que esse

discurso pedagógico em si não reflete sobre o que é ser livre e, além disso, pressupor que há alguém a ser libertado, conscientizado, pressupõe um sujeito livre e conscientizado que liberta, ora, será que nós, professores, no mundo em que vivemos, podemos falar que somos livres por dominarmos um conhecimento, que na maioria das vezes apenas ocupa um lugar na nossa “cabeça”? Não quero aqui dizer que deixei de acreditar naquilo que faço, muito pelo contrário, apenas tive um pouco de coragem para perguntar a mim mesmo: “O que você está fazendo?”.

Comecei pensando sobre o meu papel de professor em uma escola de periferia. Iniciei refletindo sobre um problema: “Por que os discursos pedagógicos, em sua maioria, vêem apenas o processo de ensino e aprendizagem restrito à Escola?”; além disso, me perguntei se realmente é possível um ensino relacionado à vida do aluno, pois ao meu ver, a própria escola representa uma ruptura radical com a vida e um prelúdio para o mundo do trabalho. Ora, sabemos desde já, que o trabalho e a vida são coisas bem distintas no mundo em que vivemos. O mais interessante é que se pegarmos as reflexões de Montaigne sobre o pedantismo, veremos justamente que ele já estava pensando sobre isso, que o ensino deveria formar para a vida, pois o ensino daquela época (século XVI) se preocupava muito com a memorização de conteúdos; mas ele não estava falando de um mundo onde a Educação se tornou para todos, mas sim de um processo de formação que estava ganhando força em todas esferas da educação, dizia ele, por exemplo, que a educação serve, muitas vezes, para amansar as pessoas. Portanto, se trouxermos Montaigne para o debate, será que não estamos fazendo isso que ele questionava há mais de 450 anos? Será que ainda não nos livramos de uma pedagogia escolástica? Claro que nos livramos, seria um imenso anacronismo acharmos que Montaigne daria conta dos nossos problemas; no entanto, creio que ele ajuda na reflexão sim. O que tenho pensando é que a Escola faz parte da vida sim, mas que não pode dar conta da integralidade da vida de um aluno.

O processo educativo se dá em várias esferas da vida, na família, com os amigos, no futebol no final de semana, etc, não é na escola que se dá todo o processo de formação; entretanto, se espera que na Escola isso seja feito – os pais na grande maioria se isentam da formação dos seus filhos, sobrando para os professores a tarefa de “ensinar” coisas elementares: ouvir, falar, respeitar, etc.

Não é somente tarefa dos professores a formação de um aluno. Bem, para refletirmos sobre isso, trago Hannah Arendt para o debate, no belo texto chamado “A crise na educação” ela nos diz o seguinte: *“Em todo o caso, (...) o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte de sua educação”*. Creio que esse texto não carece de clareza, e nos coloca a responsabilidade, não só como professores, mas como pessoas no mundo que ainda possuem um senso de bem comum – nesse caso, que pensam em uma vida razoável para todos em sociedade.

Parece-me, no entanto, que esse mundo em constantes mudanças e crises, precisa ser pensado melhor, para qualificarmos a nossa atuação enquanto educadores que assumem para si a sua responsabilidade. Quando me referi à ingenuidade de alguns discursos pedagógicos que pressupõem um sujeito a ser libertado, um discurso que não pode ser negado em sua boa vontade, mas que, ao meu ver, se contradiz, pois inferioriza, na medida em que, partindo do paradigma da desigualdade, coloca o professor como quem estende a mão e que restitui a igualdade no final do processo, tendo como fim um mundo que não existe, que é apenas uma idéia, meramente uma ficção. Esse educador ingênuo precisa explicar e desalienar os seus educandos, ele molda a imagem do seu educando, formando a mentalidade em vistas daquilo que o educador quer, nesse caso, o educando nada mais é do que um meio para o objetivo do educador – quando queremos libertar alguém estamos afirmando duas coisas: 1) Que há alguém que não é livre, e 2) Que esse alguém precisa de um instrutor para se libertar. Ora, talvez bastasse refletir sobre os seus próprios pressupostos, se colocando uma simples questão: “É possível ensinar a autonomia?”.

Em “O Mestre Ignorante”, Jacques Rancière nos trás boas reflexões acerca da emancipação intelectual. A partir da história do professor Jacotot, ele nos diz o seguinte: *“O homem – e a criança, em particular – pode ter necessidade de um mestre, quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho. Mas a sujeição é puramente de vontade a vontade. Ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência.(...) Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade”*. Isso quer dizer que impôr uma forma de pensar a um aluno é embrutecimento, na medida que é a sobreposição do educador sobre o aluno; porém, o que o filósofo determina como emancipação é a constituição de uma consciência própria, e essa é a vontade do educador, o que nos coloca a questão acerca da responsabilidade do professor

– espero que entendam que o que está em jogo para mim, não é a emancipação que salva, mas aquela do “Recompensa mal um mestre aquele que se contenta em ser discípulo” de Friedrich Nietzsche -, que não é diferente de qualquer ser humano que se responsabiliza pelo mundo, não uma responsabilidade que nos faz sentir culpados pelos problemas que o assolam, mas uma responsabilidade em um sentido político, de efetivação dessa vida razoável a todos.

É preciso pensarmos no nosso papel enquanto professores, é preciso pensarmos no que estamos fazendo... eu pensei muito nesse pouco tempo de experiência; mas me convenci que há uma crise na instituição escolar, e isso não é novidade. Ao meu ver, não basta pensarmos em instituímos um ensino diferenciado, pois a instituição permanecerá aprisionando consciências. Portanto, enquanto tomarmos isso como missão, meramente instituir um outro tipo de ensino a partir da velha escola, estamos apenas retificando o fracasso, postergando a “morte do defunto”. Se é possível uma educação emancipadora, ao meu ver, não será na escola que isso se dará, pois a negação da escola e do ensino por parte dos alunos, talvez não seja fruto da “alienação” deles, mas da nossa... Entretanto, o que fazer? Tenho uma resposta, como o filme de Gregor Schnitzer: “O que fazer em caso de incêndio?”... Sim, deixe queimar!

Marcos Vinicius da Silva Goulart (22/09/2007)

Ao som de Enrico Caruso